

Uma nota sobre o método

Na virada do século 20, jovens negras se encontravam em franca rebelião. Elas lutavam para criar vidas autônomas e belas, para escapar das novas formas de servidão que estavam à espreita e para viver como se fossem livres. Este livro recria a imaginação radical e as práticas rebeldes dessas jovens ao descrever o mundo através dos olhos delas. É uma narrativa escrita de lugar nenhum, do não lugar do gueto e do não lugar da utopia.

Quem se dedica a historicizar a multidão, as pessoas despossuídas, subalternas e escravizadas, se vê tendo de enfrentar o poder e a autoridade dos arquivos e os limites que eles estabelecem com relação àquilo que pode ser conhecido, à perspectiva de quem importa e a quem possui a gravidade e a autoridade de agente histórico. Ao escrever este relato da insurgência, lancei mão de uma vasta gama de materiais arquivísticos para representar a experiência cotidiana e o caráter agitado da vida na cidade. Recrio as vozes e uso as palavras dessas jovens quando possível e habito as dimensões íntimas de suas vidas. A ideia é transmitir a experiência sensorial da cidade e capturar a rica paisagem da vida social negra. Com esse fim, empreguei um modo de narrativa íntima, um estilo que coloca a voz que narra e a personagem em uma relação inseparável, de forma que a visão, a linguagem e os ritmos da insurgência modelam e arranjam o texto. As frases e versos em itálico são interferências do coro. Esta história é contada a partir do interior do círculo.

Todas as personagens e os eventos apresentados neste livro são reais; nada foi inventado. O que eu sei da vida dessas jovens foi apurado em registros de cobradores de aluguel; pesquisas e monografias de sociólogos; transcrições de julgamentos; fotografias do gueto; relatórios da delegacia de costumes, assistentes sociais e oficiais de condicional; entrevistas com profissionais da psiquiatria e da psicologia; e autos de prisão — e em todos esses documentos elas são representadas como um problema. (Alguns nomes foram alterados para proteger a confidencialidade e conforme exigência pelo uso de arquivos do Estado.) Criei uma contranarrativa livre dos julgamentos e das classificações que submeteram jovens negras a vigilância, punição e confinamento, e que oferece um relato sobre os belos experimentos — de fazer do viver uma arte — realizados por aquelas muitas vezes descritas como promíscuas, inconsequentes, selvagens e rebeldes. Trata-se de uma tentativa de recuperar o terreno insurgente dessas vidas; de exumar a franca rebelião de dentro dos autos, de desassociar a rebeldia, a recusa, a ajuda mútua e o amor livre de sua identificação como desvio, criminalidade e patologia; é afirmar a maternidade livre (escolha reprodutiva), a intimidade fora da instituição matrimonial e as paixões queer e fora da lei; e iluminar a imaginação radical e a anarquia cotidiana de meninas de cor* comuns, algo que não foi apenas esquecido, mas que é quase inimaginável.

Vidas rebeldes elabora, amplia, transpõe e escancara documentos de arquivo para que forneçam um retrato mais rico da reviravolta social que transformou a vida social negra no século 20. O objetivo é entender e experimentar o mundo como essas jovens fizeram, aprender com aquilo que elas sabiam. Prefiro pensar este livro como o escrito fugitivo da rebeldia, marcado pela errância que a obra descreve. Nes-

* A autora emprega o termo *colored*, utilizado por pessoas negras nos Estados Unidos desde o século 19 e que foi repensado e debatido por pensadores e militantes ao longo dos anos. No Brasil, do século 19 até o início da retomada do termo “negro” na década de 1930, a expressão “pessoas de cor” também foi utilizada por alguns grupos como forma de minar outros termos entendidos como depreciativos. (Esta e as demais notas ao longo do texto são do tradutor, exceto se indicado de outra maneira. As notas numeradas são da autora.)

se espírito, tensionei os limites dos autos e dos documentos, especulei sobre o que poderia ter sido, imaginei coisas sussurradas em quartos escuros e ampliei momentos de confinamento, fuga e possibilidade, momentos em que a visão e os sonhos da rebeldia pareciam possíveis.

Poucas pessoas, na época ou agora, reconhecem jovens negras como modernistas sexuais, amantes livres, radicais e anarquistas, ou percebem que *a melindrosa é uma pálida imitação da menina do gueto*.¹ Elas não têm sido creditadas com nada: permanecem como mulheres excedentes sem nenhum significado, meninas consideradas impróprias para a história e destinadas a ser figuras menores. Este livro é alimentado por um conjunto de valores diferente e reconhece os ideais revolucionários que animam vidas comuns. Ele explora os desejos utópicos e a promessa de um mundo futuro que residia no rebelar-se e na recusa da governança.

O álbum aqui montado é um arquivo do exorbitante, um livro dos sonhos pela existência diversa. Na abordagem dessas vidas, uma história do século 20 muito inesperada emerge, uma história que oferece certa crônica íntima do radicalismo negro, uma história estética e desordeira de meninas de cor e seus experimentos libertários — uma revolução anterior a *Gatsby*. Em grande parte, a história e a potencialidade do universo delas permaneceram impensadas porque ninguém podia conceber jovens negras como socialmente visionárias e como figuras inovadoras no mundo em que esses atos tiveram lugar. As décadas entre 1890 e 1935 foram decisivas na determinação do curso dos futuros negros. Uma revolução em tom menor se desdobrou na cidade, e jovens negras foram seu veículo. Essa reviravolta, ou transformação da vida íntima negra, foi consequência da exclusão econômica, da privação material, do enclausuramento racial e da desapropriação social; contudo, também foi alimentada pela visão de um mundo futuro e daquilo que poderia ser.

A ideia disparatada que anima este livro é a de que jovens negras foram pensadoras radicais que imaginaram incansavelmente outras maneiras de viver e nunca deixaram de considerar como o mundo poderia ser de outra forma.